



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes
Ciências Biológicas

DANIELLE FERREIRA LIMA

**COMO OS TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE
HUMANA SÃO ABORDADOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS:
visão do professor e aluno**

Rio de Janeiro

2012

DANIELLE FERREIRA LIMA

**COMO OS TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE
HUMANA SÃO ABORDADOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS:
visão do professor e aluno**

Monografia apresentada ao Instituto de biologia
Roberto Alcantara Gomes Informação da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como
requisito à obtenção do grau de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

Orientadora: MSc. Rosalina Maria de Magalhães
Pereira

Rio de Janeiro

2012

L732c Lima, Danielle Ferreira

Como os temas relacionados à sexualidade humana são abordados no ensino de ciências: visão professor e aluno / Danielle Ferreira Lima. - 2012.

54 f.

Monografia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Ciências Biológicas, 2012.

Orientador: Rosalina Maria de Magalhães Pereira

1. Sexualidade humana. 2. Ensino de ciências. 3. PCN's. I. Pereira, Rosalina Maria de Magalhães II. Título.

CDD: 372.372

DANIELLE FERREIRA LIMA

**COMO OS TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE
HUMANA SÃO ABORDADOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS:
visão do professor e aluno**

Monografia apresentada, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado, ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em ____ de _____ de 2012.

Nota: _____

Banca examinadora

Prof^a. MSc. Rosalina Maria de Magalhães Pereira (Presidente da Banca)
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia - UERJ

Prof^a. MSc. Lucienne Sampaio de Andrade
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia - UERJ

Prof^o. MSc. Alex Guerra Ferreira
Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia - UERJ

Prof^a. Dr^a. Andréa Espinola de Siqueira (Suplente)
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia - UERJ

DEDICATÓRIA

A minha mãe, todos que me incentivaram e
torcem por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela confiança depositada, em especial minha mãe, minha melhor amiga, por ser meu alicerce, que sempre me apoiou em minhas decisões e me forneceu forças necessárias nessa caminhada.

Aos meus familiares, irmão e irmã, tios, tias e primas, que sempre estão na torcida a cada passo que conquisto.

Antônio, companheiro, meu porto seguro, namorado amado, que acredita na minha capacidade, que sempre foi muito compreensivo e está ao meu lado ao longo desses anos me apoiando.

Ao Rafael (ensino médio) que me incentivou a tentar cursar uma universidade pública. Ao Fábio (pré-vestibular) por me fazer acreditar que eu seria capaz de conseguir uma vaga na instituição.

Amigos da faculdade dos quais tenho grande apreço, Carla, Camila, Grazi, Isabela Cristina e Maurício. Ana Lúcia por ser uma menina batalhadora, fazendo com que sua perseverança prevalece em nosso convívio. À Brenda por ouvir os meus anseios e sempre estar me desejando calma. Géssica, alegre, dinâmica que tem me auxiliado bastante com suas idéias. Maxmira companheira de muitos estudos e discussões (produtivas), do início ao fim da faculdade. Ao Vinícius por ser uma pessoa tão generosa e sorridente.

Stéphanie por ter sido muito atenciosa e ter me ajudado com algumas de suas idéias na elaboração desse trabalho.

À Rosalina minha orientadora pela a assistência, compreensão e pelo carinho demonstrado.

Agradeço a todos vocês por fazerem parte da minha vida e por ter contribuído de alguma forma para minha formação como pessoa e profissional.

"Se não houver frutos, valeu a beleza das flores...
se não houver flores, valeu a sombra das folhas...
se não houver folhas, valeu a intenção da semente".
(Henfil)

RESUMO

LIMA, Danielle Ferreira. **Como a sexualidade humana é abordada no ensino de ciências:** visão professor e aluno. 2012. 54 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Ciências Biológicas, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O tema sexualidade humana é tratado como um tabu pela sociedade. Falar sobre o assunto não significa torná-lo banal, é uma temática a ser compreendida da forma mais singular possível e com muita seriedade pelos agentes que se propõem abordá-lo. Nossa pesquisa envolveu alunos e professores do 8º ano de cinco escolas situadas no município do Rio de Janeiro, com objetivo de analisar como a Sexualidade Humana é abordada em sala de aula. Ao longo do trabalho foi possível notar divergências quanto aos conteúdos ministrados segundo as respostas dos professores e alunos. O tema Sexualidade Humana apesar de estar inserido como um tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), ele é ensinado na maioria das vezes pelo professor de ciências não havendo participação com outras disciplinas. A abordagem desse assunto de forma satisfatória é importante a fim de possibilitar um aprendizado de qualidade onde a orientação sexual feita pelo professor consiga esclarecer aos alunos aspectos que envolvem o tema. É importante sinalizar que o relacionamento professor - aluno deve ser respeitoso, aberto a diálogos para que as dúvidas e ansiedades sejam sanadas.

Palavras-chave: Sexualidade humana. Ensino de ciências. PCN's.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alunos que não apresentam dúvidas - 2010.

Gráfico 2 - Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre Relações de gênero: homossexualidade - 2010.

Gráfico 3 - Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre Relações de gênero: homossexualidade - 2010.

Gráfico 4 - Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre aborto -2010.

Gráfico 5 - Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre DSTs -2010.

Gráfico 6 - Percentagem de alunos que disseram que o professor estava à vontade para falar sobre o assunto - 2010.

Gráfico 7 - Percentagem de alunos que responderam que o professor tem um bom relacionamento com a turma - 2010.

Gráfico 8 - Percentagem de alunos respondentes que não há outros professores que desenvolvem o tema - 2010.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa – 2010.

Tabela 2 - Perguntas que os alunos fizeram aos professores – 2010.

Tabela 3 - Respostas dos professores quanto aos conteúdos abordados em sala de aula - 2010.

Tabela 4 - Percentagem dos alunos que responderam quanto aos conteúdos faltantes - 2010.

Tabela 5 - Respostas dos alunos quanto aos recursos utilizados – 2010.

Tabela 6 - Respostas dos professores aos assuntos utilizados em sala de aula – 2010.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	SEXUALIDADE DIFERENTE DE SEXO	12
3	ORIENTAÇÃO SEXUAL VERSUS EDUCAÇÃO SEXUAL	13
4	PRESENÇA DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA	14
4.1	Sexualidade e mídia	14
4.2	Sexualidade na escola	16
4.3	Sexualidade, educação e professor	16
5	JUSTIFICATIVA	20
5.1	Objetivo geral	20
5.2	Objetivos específicos	20
6	METODOLOGIA	21
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
7.1	Dúvidas dos alunos	24
7.2	Conteúdos abordados	26
7.3	Recursos didáticos para abordagem do tema pelo professor	33
7.4	Perfil do professor frente ao tema	36
7.5	Sexualidade como tema transversal	39
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR	49
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO ALUNO	51

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos a sexualidade humana tem sido tema de discussão, devido às doenças oriundas do contato sexual e posicionamentos discordantes quanto ao assunto, gerando uma série de pré-concepções, comportamentos, preconceitos e estereótipos. Discutir sexualidade implica em gerar debates na sociedade envolvendo as identidades das pessoas e suas práticas sexuais. Como aponta Louro (2000), apud Mokwa (2004 p.1)

A sexualidade, não há como negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado. Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito um amplo exercício de poder que, socialmente, discrimina, separa e classifica (p.86).

Segundo Vitiello (1998) sexualidade se resume satisfazer-se e agradar sexualmente seu parceiro ou sua parceira, desde que isso não traga riscos ou faça mal a si mesmo, ao parceiro nem ao meio social. Pois o que cada pessoa faz de sua vida privada só a ela própria interessa, cabendo a população, como indivíduos e como integrantes da sociedade, respeitar as naturais e enriquecedoras diferenças entre os seres humanos.

Debates que envolvem o tema sexo, assuntos correlacionados, sejam para concordar ou reprimir, atitude ou comportamento, talvez tenham sido normal em algum período da humanidade. Pois a maneira como as civilizações entendem e lidam com comportamentos, valores e normas ligados ao sexo nunca foram constantes. Sendo assim, concepções atuais são diferenciadas das atitudes sexuais da Antiguidade, da Idade Média e da Idade Moderna (RIBEIRO, 2005, p.17). Ainda no que se refere à sexualidade na sociedade Neves *et al.* (1997, p.85) descrevem:

Entendemos que a criança e o adolescente integram a sociedade e em cada período histórico foram visualizados de forma diferentes. Compreendemos ainda que, infância e adolescência são fases do desenvolvimento do ser humano marcadas por peculiaridades que os diferenciam do adulto e do idoso.

É devido a isto que neste trabalho nos preocupamos em analisar como sexualidade humana está sendo abordado no ensino de ciências atualmente. Para isso a pesquisa será dividida em uma análise dos conceitos acerca deste tema descrito na literatura, seguido de exame do cenário de tal tema durante o período da

infância. Por fim traremos a pesquisa de campo que nos trará a visão do professor e do aluno assim como as considerações finais.

2 SEXUALIDADE DIFERENTE DE SEXO

Ao se falar de sexualidade humana há dois termos bastante usados sexo e sexualidade os quais são comumente confundidos. Quando se retrata do tema Sexualidade, grande parte das pessoas faz uma associação direta com sexo e o senso comum usa essas duas palavras como sendo sinônimas. Porém sexo e sexualidade são palavras distintas em seus significados. Por essa razão é necessário diferenciá-las, como relata Santos (2001).

Refere-se genericamente à sexualidade como o conjunto de fenômenos relacionados à vida sexual do homem, constituindo-se em aspecto central de sua identidade. Trata-se de uma maneira de estabelecer relações com os outros, ter a possibilidade de amar, sentir prazer, procriar. Não se restringe à genitalidade, mas envolve aspectos psicossociais (que diz respeito à psicologia individual e à vida social) que renovam constantemente a vida, sendo único em cada indivíduo (MOKWA, 2004)

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 295) sexualidade é entendida como algo intrínseco, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Assim sendo construída ao longo da vida, onde se encontra necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) define como:

Uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônima de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor. Contato e intimidade, que se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamento, sentimentos, ações e integrações e portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a sexualidade, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental e a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais, emocionais de maneira tal que influencie positivamente a personalidade a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor. (PERES *et al.* 2000, p.17, apud SANTOS, 2001).

Já para a conceituação de sexo os PCN's (BRASIL, 1998, p.295) descrevem que “é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais)”.

Ao corroborar com o que descreve os PCN's Santos (2001) afirma que “Pode-se definir sexo como a conformação particular que distingue o macho da fêmea, conferindo-lhes características diferentes. Em outras palavras, sexo é a identidade sexual.”

Desta forma, apesar de que o senso comum possa vir a acreditar, sexo e sexualidade são conceitos distintos.

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL VERSUS EDUCAÇÃO SEXUAL

Alguns autores diferenciam o termo orientação sexual de educação sexual (REIS; RIBEIRO, 2005, p.35).

Para Vitiello (1995), Orientação sexual baseia-se ao fato de o orientador expressar suas experiências e seus conhecimentos, de forma que ajude o orientando a analisar diferentes situações. Já Educação sexual seria uma forma mais ampla onde o orientador seria capaz de informar, orientar e aconselhar, quanto a isto o autor nos esclarece:

Informar é uma atividade de ensino, de instrução, e não de educação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente. Já a orientação implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseando-se em sua experiência e em seus conhecimentos, o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções disponíveis, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos. Aconselhar, por outro lado, consiste em auxiliar o aconselhando a decidir-se por um ou vários dos possíveis caminhos que ele próprio já conhece, em outras palavras, aconselhar significa “ajudar a decidir”. Educar, finalmente, embora possa passar por informar, por orientar e por aconselhar, é mais do que a soma dessas partes isoladas. Educar, no sentido mais amplo, significa formar, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente (VITIELLO, 1995, p.18).

Ao contrário, Reis e Ribeiro (2005, p.35) escrevem que o termo Educação sexual é utilizado quando se refere à educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, influenciado inicialmente pela família, na comunidade, com seu grupo social e religioso, com a mídia, além de envolver os processos culturais na qual

contém normas, regras e valores sobre o sexo. Ao contrário o termo Orientação sexual é utilizado para se referir a um trabalho planejado, organizado e sistematizado realizado por um profissional especializado.

A conceituação para Orientação sexual discriminada por Reis e Ribeiro (2005) é a mesma utilizada pelos PCN's (Brasil, 1997) ao dizer que

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 1997, p. 83).

Se analisarmos somente um autor verificamos que os significados para orientação e educação sexual são distintos. No entanto, se fizermos uma análise entre autores diferentes percebemos que educação pode ser sinônimo de orientação. Sendo assim, para fins deste trabalho será adotado o termo orientação sexual visto que o mesmo é utilizado pelos PCN's.

4 PRESENÇA DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Uma vez que temos as idéias pertinentes ao tema mais claras, devido as informações apresentadas, bem como suas possíveis formas de interpretações, vejamos como o assunto se apresenta durante o período da infância.

4.1 Sexualidade e mídia

Atualmente crianças são constantemente bombardeadas por conteúdos e mensagens oriundos dos meios de comunicação, estimulando um excesso de erotização, onde as crianças devido a sua precocidade não têm condições de assimilar de forma adequada e precisa tais informações, ocasionando mudanças profundas no seu comportamento (FIGUEIREDO *et al.*, 2009, p.65).

A erotização já começa na primeira infância, com a mídia que, em grande parte, cultua a banalização do sexo, assim como a vulgarização do sexo feminino. Segundo Felipe e Guizzo (2003, p.120):

[...] é possível que a representação de pureza e ingenuidade, suscitadas pelas imagens infantis veiculada pela mídia, tem sido substituída por outras extremamente erotizadas, principalmente em relação às meninas.

Maia e Maia (2005, p.161) em seu trabalho também corrobora o que relata os autores supracitados.

Atualmente, é comum escutarmos críticas sobre a programação televisiva, filmes ou revistas, que atribuem à "mídia" a responsabilidade por várias condutas das crianças relativas à sexualidade. Afirma-se que, uma vez que tenham acesso a esses meios, são vítimas da programação e das mensagens veiculadas por ela. As conseqüências do contato das crianças com esses meios seriam: erotização precoce, adoção de modelos inadequados, banalização do sexo, estabelecimento de uma relação entre sexo e violência, etc.

Os saberes que os adolescentes possuem sobre medidas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) não parecem ser suficientes para garantir comportamentos sexuais saudáveis (VIEIRA, 2001, apud HOLANDA *et al.*, 2010)

Dentre tantos meios de informações é possível destacar a internet, como forma de aquisição de informação por parte de muitos jovens quando o assunto é Sexualidade (MORAES, 2009). Zilli e Sivori (2010) descreveram que em particular a internet é um meio importante para a articulação e negociação de questões que são proibidas, restritas ou de alguma forma reguladas pela sociedade.

Dessa forma é possível notar que os meios de comunicação podem ser prejudiciais se forem utilizados como única fonte como informação para orientação sexual.

4.2 Sexualidade na escola

A sexualidade segundo Santos (2001), ao citar Barroso; Bruschini (1983) e Sayão (1997) relatam que a "entrada" da sexualidade na escola, surgiu na França, na segunda metade do século XVIII. Foi a partir desse período que a chamada orientação sexual começou a preocupar os educadores. Esta tinha como objetivo maior combater a masturbação, tendo como pano de fundo as idéias de Rousseau de que a ignorância era a melhor forma de manter a pureza infantil.

As concepções sobre assexualidade das crianças são contrariada por Freud no século XX, quando o mesmo afirmou que era próprio do desenvolvimento infantil o auto-erotismo, a descoberta prazerosa do corpo entre outras manifestações da

sexualidade. Então neste momento a sexualidade infantil, é compreendida como uma questão humana, na qual envolve a inter-relação afetiva e não está relacionada exclusivamente à noção de genitalidade (relação sexual). Diante do exposto, as crianças têm o direito de receberem informações sobre orientação sexual e isso deve ocorrer no momento em que elas demonstrarem interesse pelo tema, visto que manifestações de sexualidade estão presentes no cotidiano infantil (MAIA, 2005, p.87).

Figueiredo *et al.* (2009, p.65), relata que a sexualidade na infância, enquanto busca de prazer e bem-estar através do contato com o próprio corpo, faz parte do desenvolvimento humano como um processo de natureza de todos os indivíduos. No entanto tal referência é diferente da erotização precoce, na qual a criança é estimulada através de imagens e mensagens a uma sexualidade adulta, o que pode trazer prejuízos significativos ao seu desenvolvimento psíquico e emocional de forma gradativa e talvez irreversível.

Todas as crianças têm sua sexualidade mediada pela cultura, pela educação oferecida no lar, na escola e no contato com os meios de comunicação. Assim Chauí (1985) apud Maia (2005, p.91), faz referência que “Nesses vários ambientes, elas recebem informações e regras, percebem atitudes e sofrem punições ou são premiadas por sua conduta, seja ela adequada ou não aos padrões sociais”.

Sendo assim em 1995 foi elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), documento que dita procedimentos do ensino nacional. Contudo é no ano de 1997, que o Ministério da Educação propõe os PCN's para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país. Essa proposta curricular inclui temas transversais, que são assuntos importantes para o indivíduo e coletivo, cujo tema não pertence a uma disciplina específica. Orientação Sexual é um tema transversal a ser abordado inicialmente pelos professores de 1ª à 4ª série - atuais 2º ao 5º ano-, sendo que em 1998 a proposta se expandiu para as turmas de 5ª à 8ª série – atuais 6º ao 9º anos - e ensino médio (SANTOS, 2001).

4.3 Sexualidade, educação e professor

Mokwa (2004, p.5) relata em seu trabalho as várias dificuldades relacionadas à abordagem desse tema tais como: família, religião, falta de conhecimento, constrangimento em abordar o tema, ausência de subsídios e formação continuada.

Essas constituem-se em barreiras para que a sexualidade seja abordada na escola com base no contexto sócio-cultural dos sujeitos envolvidos, possibilitando discussões amplas que considerem a formação de identidades sexuais e de gênero.

O fato dos pais ainda não darem a devida atenção à sexualidade dos filhos aumenta a responsabilidade dos professores na orientação sexual do aluno. Se a família não assume o papel na orientação sexual do jovem, a responsabilidade recai sobre a escola, na figura do professor (HOLANDA *et al.*, 2006).

Porém segundo Silva (2009) os professores atuais, em sua grande maioria, são frutos de uma geração onde a sexualidade não era abordada no espaço escolar. Reprimida e repudiada pelos valores morais, culturais e religiosos como sendo algo pecaminoso e subversivo, as manifestações da sexualidade na escola eram motivos de escândalo. Desta forma muitos desses professores não receberam uma devida orientação ou mesmo informação sexual adequada.

Ao longo da construção de suas identidades sexuais, os professores foram aglomerando consigo mitos, tabus e valores constituídos e reforçados pela sociedade. Assim, incluir em sua prática educacional a Orientação Sexual é um desafio, pois muitos sentem-se despreparados e desencorajados para lidar com o tema, é o que descreve Silva (2009).

Apesar disso, um professor/educador tem mais êxito em instruir adolescentes com relação ao tema sexualidade, do que seus familiares quando o tentam executá-lo, ou seja, o número de adolescentes instruídos é maior quando o professor ensina. Neste contexto, o professor torna-se o profissional mais adequado para alcançar grande número de adolescentes. Sem questionar qual das instituições, se a escola ou a família, tem mais mérito na realização da educação sexual, afirma-se que ambas têm valor para a abordagem do tema (JUNIOR, 1999, apud Holanda *et al.*, 2010).

De acordo com Reis e Ribeiro (2005, p.38) os professores e profissionais que lidam com crianças e jovens têm importância essencial no processo de aquisição de conhecimentos e valores por parte de seus alunos. Sendo assim há a necessidade desses educadores possuírem um espaço onde possam se formar como orientadores conscientes e capazes de aconselhar caminhos e escolhas que tornem a vida do indivíduo menos traumática, com menos culpa, ansiedade, preconceitos e desinformação.

Estudos relatam que a escola é a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como campo fértil e ideal para se dar orientação sexual (SUPLICY, 1998, apud HOLANDA *et al.*, 2010).

Segundo os PCN's (1998, p.293) a Orientação sexual na escola visa à compreensão e reflexão da realidade social, construindo assim a cidadania, sendo uma forma de contribuir para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, assim como, a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Além disso, a orientação sexual na escola também propicia discussão envolvendo questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia. Dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

Porém, a inclusão dos assuntos referente à sexualidade nas escolas, não deve proporcionar a exclusão de responsabilidade por parte dos familiares em ensinar, sendo assim consta nos PCN's (BRASIL, 1998, p.67):

A escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos.

Arruda (2009 p.9) relata em seu trabalho duas necessidades subtendidas nas escolas: 1) levar ao aluno as problematizações e respostas aos seus anseios, no que diz respeito à sua sexualidade, e não somente repassando os conceitos biológicos, mas se expandindo a aspectos psíquicos, emocionais, sensuais, livres de censura; 2) preparar os/as professores/as das várias áreas do conhecimento para fazê-lo de maneira sistematizada e contínua.

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes observa-se uma infinidade de idéias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa da vida. Entretanto, é justamente neste período da vida que orientação sexual deve ser praticada, não de maneira superficial e confusa, mas de forma harmônica e saudável (CHARBONNEAU 1979, apud ALMEIDA, 2009).

Estudos científicos realizados na área demonstraram que o trabalho de Orientação sexual, ao contrário do que se propaga, não estimula a atividade sexual, não antecipa a idade do primeiro contato sexual, nem tão pouco aumenta a incidência de gravidez ou aborto entre os adolescentes. E, sim, as crianças/adolescentes, que foram orientados sexualmente na escola, tornaram-se mais responsáveis e conscientes (SANTOS, 2001).

Em uma sociedade capitalista e globalizada, com um modo de vida consumista e individualista, que condiciona idéias de sexualidade ainda limitada, normatizada e geradora de culpa, consequências da moral anti-sexual rígida, contida. Esse comportamento influencia profundamente as atitudes em relação à sexualidade, daí a dificuldade em inserir questões sobre orientação sexual na escola, uma vez que esse assunto é carregado de repressão e preconceitos como relata Reis e Ribeiro (2005, p.31)

Apesar da existência conflitante diante dos assuntos a serem abordados durante o desenvolvimento de um trabalho de orientação sexual, os PCN's (BRASIL, 1998) estabelece três blocos ou eixos norteadores: Corpo: Matriz da sexualidade, Relações de Gênero e Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids, que foram caracterizados a partir dessas concepções:

A vivência da sexualidade em cada indivíduo inclui fatores oriundos de ordens distintas: aprendizado, descoberta e invenção. O trabalho de Orientação Sexual deve se nortear pelas questões que pertencem à ordem do que pode ser apreendido socialmente, preservando assim a vivência singular das infinitas possibilidades da sexualidade humana, pertinente à ordem do que pode ser prazerosamente aprendido, descoberto ou inventado no espaço da privacidade de cada um. Assim, buscou-se selecionar os conteúdos segundo os seguintes critérios:

- relevância sociocultural, isto é, conteúdos que correspondam às questões apresentadas pela sociedade no momento atual;
- consideração às dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade, buscando contemplar uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade e o seu desenvolvimento no âmbito pessoal;
- possibilidade de conceber a sexualidade de forma prazerosa e responsável. Tais conteúdos foram elencados não apenas em seus aspectos conceituais, que garantem as informações pertinentes, mas sobre tudo por seus aspectos procedimentais e atitudinais (BRASIL, 1998, p.315).

É nesse contexto que se compreende a escola como foco de atenção à promoção da saúde da criança e do adolescente. Sendo assim, queremos investigar a visão do aluno e do professor quanto à abordagem da temática.

5 JUSTIFICATIVA

Sexualidade é um tema amplo e delicado que está cada vez mais presente na vida do ser humano, e mais precocemente presente devido à exploração da mídia.

Muitas vezes não é dada a devida atenção a esse tema por diversos motivos, como por exemplo, questões culturais.

Sabendo desta problemática, recai sobre a escola a importância de fornecer o conhecimento deste assunto com clareza e naturalidade sem aferir qualquer tipo de cultura.

Cientificamente o estudo dessa temática pode contribuir para formação dos novos professores de forma que eles possam refletir como o assunto é abordado em sala de aula e o que impede o mesmo de trabalhar o conteúdo.

Além disso, esse estudo pode proporcionar benefícios nas práticas dos professores, e de forma indireta beneficia a sociedade, pois é relevante a conscientização de valores quanto à prática sexual que surge junto ao afloramento da sexualidade.

De acordo com o exposto é relevante uma investigação sobre, como os temas relacionados à Sexualidade humana são abordados no ensino de ciências na visão do aluno e do professor. Visto que essa é uma área de conhecimento muito pouco explorada, mas cuja questão merece ser trabalhada, já que tem repercussão na vida do indivíduo.

5.1 Objetivo geral

- Verificar como a sexualidade humana é abordada no ensino de ciências nas séries finais, do ensino fundamental, em escolas do município do Rio de Janeiro, visando o aprendizado dos alunos.

5.2 Objetivos específicos

- Investigar as principais dúvidas dos alunos acerca do tema;
- Investigar dentro do tema Sexualidade humana quais são os conteúdos abordados em sala de aula;

- Verificar os métodos e recursos didáticos utilizados pelos professores durante as aulas de sexualidade;
- Verificar o perfil do professor frente ao tema;
- Verificar como é feita a abordagem do assunto como tema transversal nas escolas.

6 METODOLOGIA

Para concretização do trabalho foi realizado uma pesquisa do tipo qualitativa, pois esta permite uma melhor compreensão do sujeito que se deseja analisar como relata Minayo (2010), apud Minayo (2011).

Assim, o objetivo de uma avaliação qualitativa é permitir a compreensão – compreensão é a palavra chave de toda investigação qualitativa - dos processos e dos resultados considerando-os como um complexo integrado por idéias, padrões de comportamento e de interações, organizados em torno a interesses consensuais e socialmente reconhecidos.

Para obtenção do material da pesquisa de campo foi proposto como instrumento de coleta uma entrevista estruturada. Este tipo de entrevista conta com a elaboração de questionário que contém perguntas abertas (o interrogado responde com suas próprias palavras) e fechadas, não havendo diferença entre as perguntas feitas aos sujeitos da pesquisa. No entanto, há diferenças nas respostas, sendo uma tática aplicável vantajosa, uma vez que, não é necessária a presença do pesquisador. Sendo assim Boni e Quaresma (2005) definem:

As entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas. Os questionários podem ser enviados aos informantes através do correio ou de um portador. Quando isso acontece deve-se enviar uma nota explicando a natureza da pesquisa.

Fontanella *et al.* (2011) relatam que “ ‘Fechar’ a amostra significa definir o conjunto de perguntas que subsidiará a análise e interpretação dos dados”.

Para a realização da pesquisa foram elaborados dois questionários semelhantes, sendo um destinado para os professores e o outro aos alunos.

Deve ser ressaltado que antes dos questionários serem entregues aos participantes houve um pré-teste que foi respondido por alguns alunos e dois professores, escolhidos, com o objetivo de verificar a coerência das perguntas.

Os questionários encontram-se disponíveis nos apêndices A e B.

Deve ser ressaltado que o questionário é uma excelente fonte para obtenção de dados para realização de pesquisas. (GIL, 1994, p. 79 apud SANTOS 2001).

O cenário escolhido para ser estudado foi o ambiente escolar mais especificamente o ensino fundamental no segundo ciclo (8º ano, 7º série). As escolas nas quais se optou por passar o questionário localizam-se no município do Rio de Janeiro, próximo à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O questionário foi passado em duas escolas particulares e três escolas públicas no mês de novembro de 2010, após o conteúdo de sexualidade ter sido abordado. Isso só foi possível devido a um contato prévio com os diretores, e suas aprovações, em permitir o estudo proposto no ambiente.

Participaram do presente estudo um total de cinco escolas, as quais serão denominadas por letras. As escolas particulares serão representadas pelas letras *A* e *B*, as escolas públicas *C*, *D* e *E*. As escolas *A* e *D* estão situadas no bairro do Riachuelo, já *B*, *C*, e *E* estão respectivamente localizadas, no Méier, Vila Isabel e Rio Comprido.

A escola *A* foi a única, em que os alunos da escola, pertenciam ao 9º ano (8ª série), pois era o período no qual o assunto Sexualidade era abordado.

Com exceção da escola *C*, cujos alunos estudavam no turno da noite, as outras escolas ofereciam aulas no período diurno.

Deve ser mencionado que todas as turmas participantes da pesquisa são do ensino regular.

Foram escolhidos 17 discentes de cada turma aleatoriamente, no entanto, deve ser ressaltado que a quantidade de alunos da escola *C* foi de 11 alunos, pois era quantidade total de presentes no dia da realização da pesquisa. Sendo assim, houve um total de 79 alunos. Participaram também da pesquisa os respectivos professores de ciências das turmas escolhidas. A tabela 1 mostra o perfil de maneira simples dos sujeitos da pesquisa, apresentando faixa etária dos estudantes, idade dos professores e gênero dos mesmos. Evidencia-se a escola *C* com a maior faixa etária, pois é a única escola noturna.

Tabela 1: Perfil dos sujeitos da pesquisa – 2010.

Escolas	A	B	C	D	E
Sexo do professor	M	M	F	F	F
Idade do professor	20 anos	28 anos	28 anos	59 anos	29 anos
Sexo dos alunos	9 F e 8 M	7 F e 10 M	8 F e 3 M	10 F e 7 M	10 F e 7 M
Faixa etária dos alunos	14-17 anos	12-16 anos	14-58 anos	12-15 anos	13-15 anos

Legenda: M (masculino) e F (Feminino)

Como instrumento de análise de dados foi escolhido o modo investigativo de conteúdo. Duarte (2002) cita em seu trabalho que métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de serem interpretados. Sendo assim, como seria impossível relatar todos os dados coletados, serão comentadas as questões que mais se destacaram no decorrer desta pesquisa.

Para tentar compreender os dados apresentados neste estudo, buscou-se realizar pesquisas na literatura, bem como a análise de conteúdos, por ser a técnica que melhor se enquadra com essa abordagem.

“Dessa forma pode ser dito que essa técnica visa ‘ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação’ [...]” (MINAYO, 1996, p. 203 apud SANTOS 2001), por isso a escolha desse método de análise, já que estamos retratando um tipo de pesquisa qualitativa.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para discutirmos os resultados, categorizamos em:

- P. A. => as perguntas feitas aos alunos;
- P. P. => as perguntas feitas aos professores.

Para viabilizar a discussão da pesquisa, dividimos em cinco subtemas:

- Dúvidas dos alunos;
- Conteúdos abordados;
- Recursos didáticos para abordagem do tema pelo professor;
- Perfil do professor frente ao tema;
- Sexualidade como tema transversal.

Deve ser ressaltado, que em cada subtema é feita correlação entre as respostas dos docentes e dos discentes.

7.1 Dúvidas dos alunos

P.A.) Quais são suas dúvidas sobre o tema sexualidade? (Pergunta 1 do apêndice B)



Gráfico 1: Alunos que não apresentam dúvidas - 2010.

O gráfico 1 demonstra a percentagem dos alunos, de cada escola que participou da pesquisa, que disseram não possuir nenhuma dúvida quanto ao tema.

Podemos perceber que a Escola B (88%) e a E (76%), foram as instituições onde a maioria dos discentes não apresentaram dúvidas quanto a temática, em oposição temos as escolas A (53%) e C (27%), nas quais a minoria dos alunos afirmou não ter dúvidas. Lembramos como foi mencionado anteriormente que as escolas A e B pertencem à rede privada e enquanto a C e E são públicas. Podemos dizer que não houve muita diferença em relação às dúvidas dos alunos, sugerindo que a abordagem do conteúdo pode ter apresentado falhas tanto da rede pública quanto na privada.

As dúvidas mais frequentes entre os estudantes que disseram ter dúvidas foram:

- “Anticoncepcionais, gravidez, doença e etc.”;
- “Como é que se faz sexo, em quais ocasiões fazemos e como saber a pessoa com quem se faz.”;
- “Doenças sexualmente transmissíveis e sobre aborto”;
- “Sobre doenças sexuais”;
- “Tenho amigas minhas que já perderam a virgindade, umas dizem que sangraram e outras não. É normal não sangrar?”

Como pode ser observada nas respostas dos estudantes, a maioria das dúvidas foram relacionadas às práticas sexuais e prevenção de gravidez.

Conforme pode ser percebido, com exceção dos alunos da escola C, mais da metade dos adolescentes responderam não terem dúvidas em relação à temática em questão. Este resultado nos chama atenção mostrando que o ensino formal pode não ser a única fonte de informação sobre assuntos relacionados à sexualidade. Miranda *et al.* (2009) esclarece que deve ser levado em consideração que a maioria dos adolescentes se sente á vontade para tratar sobre o assunto na escola, contudo a maior parte procura tirar suas dúvidas com seus amigos da escola.

Além disso, Espíndula e Moura (2007) levantam um possível questionamento quanto a essa a baixa quantidade de dúvidas entre os alunos demonstrando que “Uma possível leitura que pode ser feita do grande número de afirmações para a falta de dúvida sobre sexo, pode estar na timidez ou falta de espaços de diálogos para com esses jovens em relação ao tema”.

P.P.) Quais são as perguntas mais freqüentes dos alunos quando o assunto é sexualidade? (Pergunta 1 do apêndice A)

Tabela 2: Perguntas que os alunos fizeram aos professores – 2010.

Professor da escola	Respostas
A	“Fatores que influenciam no crescimento do pênis, se determinado tipo de sexo engravida, HIV e etc.”
B	“O que é menstruação? O que é esperma? Como funciona a pílula? Por que o pênis fica ereto? O que é orgasmo? Como funciona o clitóris? A mulher também ‘goza’?”
C	“Como funciona a tabelinha e a pílula?”
D	“Gravidez (se pega filho de uma determinada maneira) quando saber se está grávida? Quando ter relação?”
E	“As perguntas mais freqüentes são as relacionadas às práticas sexuais”

A tabela 2 ressalta as dúvidas mais frequentes dos alunos segundo a opinião dos professores. É possível destacar que os assuntos em torno das práticas sexuais (ato sexual, gravidez, doenças, métodos contraceptivo) foram as mais citadas. Pode ser feita então uma correlação, entre as respostas dos professores e dos alunos, em nosso estudo, ressaltando que práticas sexuais é um assunto pouco abordado em sala de aula, mas que interessa aos alunos. Além disso, deve ser evidenciado que essas dúvidas estiveram presentes também na pesquisa de Espíndula e Moura (2007). Com isso podemos evidenciar questões poucos resolvidas em sala de aula. A maior parte dessa informação obtida pelos jovens é proveniente da mídia (televisão, revista e internet) e consiste em informação superficial, que não consegue sensibilizar o jovem para a obtenção de uma atitude livre de risco (HOLANDA *et al.*, 2010).

7.2 Conteúdos abordados

P.P.) Quando o tema é sexualidade, quais são os conteúdos abordados em sala de aula? (Pergunta 2 do apêndice A)

Tabela 3: Respostas dos professores quanto aos conteúdos abordados em sala de aula - 2010.

Conteúdos abordados	Professor da escola					TOTAL DE SIM
	A	B	C	D	E	
Sistema reprodutor feminino externo	S	S	S	S	S	5
Gênero (Homossexualidade)	S	S	N	S	N	3
Aborto	S	S	N	S	N	3
DSTs	S	S	S	S	N	4

Nota: Questões múltiplas escolhas / legenda: sim (S) e não (N).

P.A.) Quando o tema é sexualidade, quais são os conteúdos que você lembra ter sido abordado em sala de aula? (Pergunta 2 do apêndice B)

Abaixo estão algumas representações gráficas referente ao que os alunos responderam nas questões de múltiplas escolhas. Selecionamos, portanto as questões que demonstraram resultados interessantes para serem percorridos em nossa pesquisa, tais como: Sistema reprodutor feminino parte externa, Gênero (Homossexualidade), Aborto e DSTs

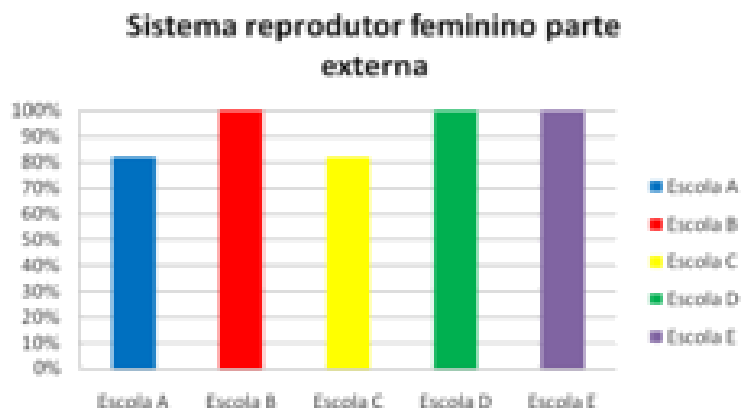


Gráfico 2: Percentagem de alunos que lembram ter aprendido o sistema reprodutor feminino parte externa -2010

O assunto relacionado ao sistema biológico foi abordado segundo os professores como é representado na tabela 3, e os alunos corresponderam à expectativa do aprendizado, pois a maioria dos alunos de todas as escolas assinalaram que o professor tinha ensinado sobre o *sistema reprodutor feminino externo* como é representado no gráfico 2. Esse resultado chamou atenção porque não é comum os professores abordarem o aparelho reprodutor externo da mulher. Ribeiro Costa e Souza (2003), em seu trabalho observaram que na representação de desenhos feitos por professoras (do ensino fundamental), sobre os sistemas reprodutores, predominava a exposição dos órgãos externos do sistema reprodutor masculino; por outro lado, no sistema reprodutor feminino, as professoras representavam somente as estruturas internas, exceto a vagina.

Nesse trabalho foi possível observar que todos os professores afirmam ter ensinado as partes externas do sistema reprodutor feminino, sendo o conteúdo confirmado pelas respostas dos alunos (na sua grande maioria), o que contraria a literatura pesquisada.

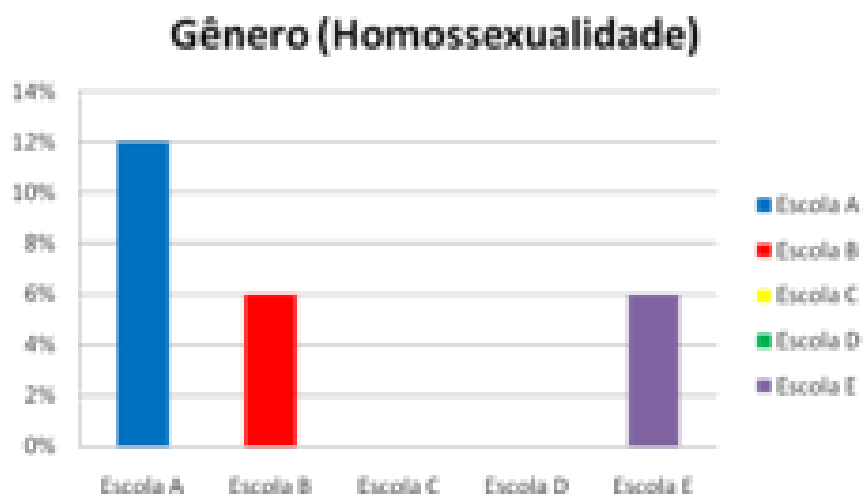


Gráfico 3: Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre Relações de gênero: homossexualidade - 2010.

Para tratarmos dos conteúdos sobre *Gênero (homossexualidade)* é necessário analisar a tabela 3 com o gráfico 3. Nessa abordagem é possível observar uma divergência de informações entre professores e alunos das escolas (A, B e D). Os professores afirmam ter abordado o conteúdo que abrange homossexualismo, no entanto apenas 12% dos alunos da escola A e 6% da B assinalaram como tivessem aprendido, e nenhum aluno da escola D marcou que o conteúdo foi abordado.

Embora os PCN's descrevam a importância em se estudar em sala de aula a socialização com as diferenças, respeitando o próprio corpo e o corpo do outro. Esse assunto ainda não se prioriza nas instituições escolares, sejam elas públicas ou privadas, como demonstram os resultados.

Os resultados mencionados acima nos sugerem que abordagem do professor, quanto ao tema homossexualidade, pode ter sido ministrada de forma muito tangencial, não satisfazendo à dúvida dos alunos. Além disso, podemos citar o estudo de Grizze, Santos e Oliveira (2010), que observaram em sua pesquisa, nas instituições escolares, que o trabalho do educador a respeito da homossexualidade, mais especificamente homofobia, não passa muitas vezes na tentativa de conter apelidos com falas do tipo: “não chame seu coleguinha de bicha!”, desprezando

assim o trabalho pela diversidade sexual, que não define um ser como melhor ou pior.

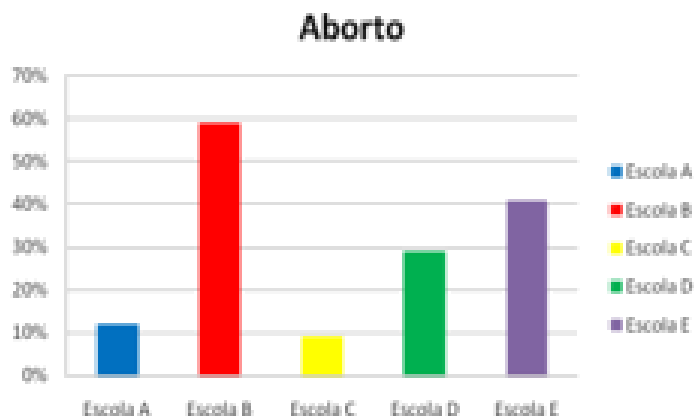


Gráfico 4: Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre aborto - 2010.

Outra abordagem a ser mencionada é sobre o *Aborto*. Embora a professora da escola E tenha informado na tabela 3 não ter ministrado sobre esse conteúdo, ela ressalta na opção outros, que o assunto foi comentado em sala de aula, mas não de forma aprofundada. No entanto, obtivemos um resultado onde 41% (representado no gráfico 4) dos alunos escreveram ter aprendido o conteúdo.

Esse tópico é polêmico se enquadrando no que podemos chamar de valores morais, o qual pode e deve ser abordado em sala de aula, sem a exposição da opinião do docente, de forma a levar os estudantes a refletirem e formarem suas próprias concepções.

Acerca deste assunto Puig (1998) apud Razera (2007) descreve que:

A aprendizagem em ambiente escolar também acaba tendo papel relevante na formação moral da criança, daí a importância em retratar assuntos geradores de questionamento proporcionando aos discentes a formações de opiniões acerca de um determinado assunto. Para conduzir a ações morais efetivamente livres a educação formal não pode trilhar por caminhos que aniquilam a vontade de escolha dos alunos, agindo-se como se os estudantes não tivessem nenhum valor moral. A escola pode ter como objetivo o estímulo que leve os alunos à compreensão quais são realmente os seus valores, para se sentirem responsáveis e comprometidos com os mesmos (Puig, 1998) buscando-se evitar, portanto, todo e qualquer tipo de doutrinação ou insistência.

O resultado mais consistente entre professores e alunos, quanto ao assunto em questão é referente à escola B em que o professor afirma ter ensinado o tópico sobre aborto e 59% dos alunos responderam lembrar terem aprendido.

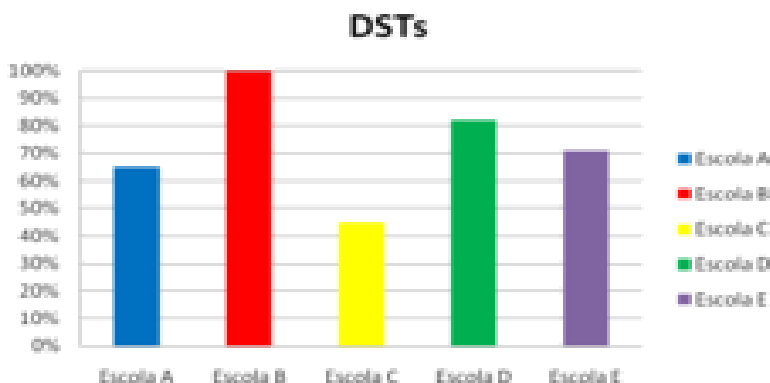


Gráfico 5: Percentagem de alunos que lembram ter aprendido sobre DSTs -2010.

Por fim, o último tópico a ser comentado dentro do subtema, conteúdos abordados, são as *DSTs (doenças sexualmente transmissíveis)*.

As DSTs podem ser apresentadas tanto em ambiente informal como em locais mais formalizados, como por exemplo, durante as aulas de ciências quando o tema trata de Sexualidade humana. Ainda analisando os dados da tabela 3 em comparação com o gráfico 5, dentre os alunos pertencentes à escola E, 71% mencionaram ter aprendido quanto essa questão. Entretanto, a professora dessa escola afirma não ter ensinado esse tópico, nos levando a supor que o conteúdo foi aprendido em outro espaço.

Esta situação mencionada surpreendeu, visto que prevenção, segundo os PCN's (BRASIL, 1998), é um dos eixos básicos, o qual deve estar contido em todo e qualquer trabalho de orientação sexual desenvolvido. Além disso, o Ministério da Saúde (2011) salienta que as DSTs são consideradas como um dos problemas de saúde pública mais comum em todo o mundo, sendo uma temática merecedora de ser ensinada.

P.A.) Dentre os temas abordados em sala de aula, você acha que faltou mais algum para ser explicado? Se a resposta for SIM diga quais. (Pergunta 3 do apêndice B)

Tabela 4: Percentagem dos alunos que responderam quanto aos conteúdos faltantes - 2010.

Temas	Alunos das escolas				
	A	B	C	D	E
Gênero (Homossexualidade)	23%	18%	45%	29%	12%
Aborto	29%	12%	27%	18%	18%
Não	18%	41%	18%	47%	6%

Nota: Questões abertas onde os alunos podiam discorrer o que quisessem.

Muitos alunos comentaram que não faltou nenhum conteúdo para ser explicado em sala de aula. Contudo, a tabela 4 demonstra um cenário diferente, visto que outros estudantes informaram a falta de tópicos a serem ministrados.

Como pode ser evidenciado na tabela 4, os principais assuntos que os estudantes sentiram falta, foram os mesmos que eles citaram anteriormente não ter aprendido, e os mesmos que os professores dizem não terem ensinado, tais como: relações de gênero (homossexualidade) e aborto.

Como podemos notar os discentes não se sentem contemplados em relação a determinados assuntos. Contudo, Santos (2001) já relatava em sua pesquisa a necessidade em ser feito um levantamento, objetivando demonstrar quais seriam as principais dúvidas daquele grupo de alunos, antes de iniciar uma aula desta natureza, com o intuito de identificar os preconceitos, valores, tabus, entre outros.

Grizze, Santos e Oliveira (2010) mencionam em seu trabalho que homossexualidade não é tratada de forma aberta com os jovens, havendo uma prática de fingir que a questão não é frequente, levando os alunos a internalizarem o homossexual como um ser diferente, sendo dessa forma, motivo de chacota e apelidos pejorativos. Essa observação de Grizze, Santos e Oliveira (2010) se faz presente em nosso estudo, onde um dos adolescentes (14 anos), ao responder a pergunta referente à tabela 4, ressalta que faltou explicar o gênero humano

(homossexualidade), e na resposta fornecida por este jovem é possível notar um apelo quanto ao tema, devido à seguinte declaração:

“Não deveria ser só a sexualidade como aula de ciências, e sim de fatores explicados além dos hormonais, do sexo em si e de doenças causadas por ele, etc; mas também como aula de entendimento da mente e que é normal a homossexualidade. Isso precisa ser deixado claro para pessoas principalmente dessa idade, para não crescerem com preconceitos afirmados com justificativas como ‘gay é antinatural’ ‘o certo é sentir atração somente pelo sexo oposto porque fomos feitos assim pela natureza’ etc.”

Houve também assuntos no qual os alunos tiveram dúvidas, que não foram comuns em todas as escolas, mas se fizeram presentes, tais como:

“Sexualidade e gravidez na adolescência.”

“Masturbação.”

“A gestação da mulher, o cuidado com os bebês.”

“DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e métodos contraceptivos”,

Além disso, houve perguntas relacionadas às curiosidades como: “... Como a genética influência dentro do feto, explicando os componentes do ovócito e do espermatozóide.”

7.3 Recursos didáticos para abordagem do tema pelo professor

P.A.) Quais foram os recursos utilizados pelo seu professor para abordar o assunto? (pergunta 4 do apêndice B)

Tabela 5: Respostas dos alunos quanto aos recursos utilizados – 2010.

Recursos utilizados	Alunos da escola				
	A	B	C	D	E
Debates	4	13	8	8	7
Reportagens	0	11	0	1	1
Vídeos	0	16	0	15	12
Palestras	0	3	0	9	2
Panfletos	0	6	2	1	0
Livros paradidáticos / complementar	15	6	5	0	8
Gibis	0	0	0	0	0
Modelos didáticos	2	12	3	1	12
Apresentações feitas em grupo	2	15	4	2	10

Nota: Questões múltiplas escolhas.

P.P.) Quais recursos são utilizados para abordar o assunto? (Pergunta 3 do apêndice A)

Tabela 6: Respostas dos professores aos assuntos utilizados em sala de aula – 2010.

Recursos utilizados	Professor da escola				
	A	B	C	D	E
Debates	S	S	S	S	N
Reportagens	N	S	N	N	N
Vídeos	S	S	N	S	S
Palestras	S	S	S	N	N
Panfletos	S	S	N	N	N
Livros paradidáticos / complementar	N	N	S	N	N
Gibis	N	N	N	N	N
Modelos didáticos	N	N	N	S	S
Apresentações feitas em grupo	N	N	N	S	S

Nota: Questões múltiplas escolhas / legenda: sim (S) e não (N).

As instituições escolares contribuem enormemente na formação de cidadãos, e deveriam ter como função fundamental a orientação sexual de forma aberta, incluindo aspectos sociais, psicológicos, culturais além dos anatômicos e fisiológicos. Entretanto, são poucas as escolas que se interessam em trabalhar este tema de uma forma lúdica e aberta, a maioria das escolas passa o tema de forma simplificada, limitada a conhecimentos biológicos, não abrindo espaços para questionamentos e dúvidas. (CRUZ, DANTAS e TRINDADE, 2011)

A utilização de recursos didáticos é um potente mediador no ensino, pois permite o estreitamento entre a relação aluno-professor, de forma a facilitar a aprendizagem independente do tema abordado.

Ao analisar as tabelas 5 e 6 podemos afirmar que a escola B usou mais recursos didáticos, e foi a instituição onde os alunos apresentaram menos dúvidas, como já foi mencionado no gráfico 1. Os estudantes da escola E assinalaram que o professor utilizou vários recursos didáticos na abordagem do tema, no entanto o

docente afirma ter usado somente três recursos, como é demonstrado na tabela 6. Nessa turma também houve poucas dúvidas quanto à temática.

Tendo em vista esses dados, é possível supor que a quantidade de estratégias é importante, entretanto o recurso didático selecionado também pode ser o diferencial, como a apresentação em grupo/ seminários, que foi utilizada com sucesso pela a escola E, apesar da mesma ter usado poucas estratégias.

Como estratégia de ensino, o seminário conduz o aluno a pesquisar a respeito de um assunto/matéria, a fim de apresentá-lo. O relevante nesta prática é fornecer aos estudantes condições para discussão, levando-os ao estudo do tema, ao debate, à identificação e/ou à reformulação de conceitos ou problemas. “Nesta abordagem, o conhecimento é (re) construído pelo próprio aluno, que é visto como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem” (GESSINGER, 2008, p.165 apud AMARAL, I. ; LIMA, 2011)

No que diz respeito ao trabalho de grupo seguido de debate, ressaltamos a importância da estratégia didática adotada, haja vista a possibilidade do envolvimento do aluno com idéias científicas. Ao realizar a pesquisa e o estudo em grupo é possível propiciar a discussão de concepções, constituindo um processo importante e necessário para a internalização dos conceitos.

Todavia, é importante ressaltar que o mediador (professor) tem um importante papel nesse processo (CAVALCANTE NETO; AMARAL, E. 2011). O professor ao promover uma atividade dessa natureza deve ser cauteloso para não expressar sua opinião, e sim fazer com que os alunos formulem suas opiniões.

Os recursos mais utilizados em sala foram debate e vídeo. Para validação deste resultado considerou-se a convergência das respostas dos alunos (mais de 50% da turma lembraram o uso do recurso) com a do seu respectivo professor.

Com exceção da escola C, todos os docentes afirmam ter passado um vídeo referente ao tema. Entretanto entre os alunos da escola A nenhum respondeu que o professor utilizou esse recurso didático, havendo um conflito de informações nessa instituição.

Quanto a esse recurso, em especial o vídeo, pode ser considerado um ótimo instrumento para ser utilizado, visto que tal prática visa transformar a sala de aula em um ambiente estimulador (SILVA; MERCADO, 2010).

A partir dele podemos abordar, por meio da exibição ou da produção, temas diversos, além de promover uma aula onde os alunos e o professor possam dialogar, podendo dessa forma prender a atenção do estudante e dirimir as dúvidas.

O vídeo apresentado em sala de aula é capaz de despertar a criatividade à medida que, estimula a construção de diversos aprendizados, e a partir da exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos é possível que o professor possa conduzir o estudante ao aprendizado, fomentando princípios de cidadania e de ética. (SILVA; MERCADO, 2010)

Devido aos benefícios propostos ao se utilizar o vídeo, supõe-se que este instrumento tenha sido de grande valia, visto que nas instituições onde se optaram por sua utilização, os índices de dúvidas quanto ao tema foram menores. De certo modo também pode haver outros fatores que influenciaram nos conhecimentos dos alunos.

P.A.) Com suas palavras diga qual é a melhor forma para o professor tratar do assunto. (pergunta 5 do apêndice B)

Foi possível observar uma similaridade entre as respostas dos alunos, pois em todas as escolas os estudantes mencionaram que a melhor forma de ensinar é através de debates, vídeos, apresentações/grupo e abordando o assunto com seriedade em sala de aula. Abaixo seguem algumas respostas comuns em todas as escolas.

“Debate, pois os alunos interagem e tiram dúvidas”

“A melhor forma em minha opinião para abordar esse assunto é mostrando vídeos, debates e apresentações”

“Com seriedade, pois é um assunto sério.”

Pelas respostas dos alunos observa-se a necessidade em se aprender o assunto por meio de recursos diferenciados, e abordagens metodológicas que privilegiem a participação do aluno não apenas como sujeito da ação educativa, mas também como agente dessa ação, devem ser priorizadas. (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011)

Para tanto é fundamental a problematização dos conteúdos através de dinâmicas, o estímulo à discussão e o compartilhamento de experiências de vida. Os

alunos de certa forma concordam com essa visão, visto que isto é possível principalmente através do debate, recurso mencionado em todas as turmas.

Além da necessidade em se pôr em prática a utilização de recursos didáticos, atentamos de forma preocupante ao fato de os alunos salientarem que a aula deve ser abordada com seriedade, sendo este aspecto solicitado em todas as escolas. Curiosamente evidencia-se uma suspeita preocupante sobre como o tema é ensinado, levando-nos a questionar como esse assunto tem sido tratado no ambiente escolar. Porém, a partir das respostas fornecidas pelos alunos não foi possível esclarecer se o professor não aborda o assunto com seriedade ou se são os alunos que não levam a temática a sério.

7.4 Perfil do professor frente ao tema

P.P.) O que impede o senhor (a) de falar em sala de aula sobre determinados assuntos? (Pergunta 4 do apêndice A)

O professor pertencente à escola A disse que a incompreensão dos pais, a religião e a vergonha por parte de alguns alunos sobre o tema, o impedem de falar sobre o assunto. Santos (2001) já revelava em sua pesquisa que alguns docentes não abordavam o tema, por receio dos pais não compreenderem, e a respeito disso comenta:

“Pode-se dizer que essa atitude paterna é resquício de uma sociedade conservadora, machista, onde falar da sexualidade, ou de sexo, como diz o senso comum, era assunto para ser abordado em ‘casa’ muito sorrateiramente e de preferência para os rapazes. Falar da sexualidade para as crianças, então, nem pensar, pois os pais pensavam - e muitos ainda pensam assim - que as crianças não estavam preparadas, era cedo demais, e caso a escola tentasse orientar, estaria ensinando coisa feia, errada.”

Os professores das escolas B e D disseram que nada os impedem de abordar o assunto. O professor da escola C relata que a falta de material didático dificulta o aprendizado e por fim o da escola E reclama da falta de tempo para um aprofundamento.

Em nosso presente estudo a professora de idade mais avançada, docente da escola D, demonstrou ser uma pessoa de pensamentos livres, sem tabu, quanto ao assunto, ao afirmar que nada a impede de retratar o assunto em questão. Esta atitude não era esperada já que Santos (2001) demonstrou em seu trabalho que os

professores mais velhos eram mais retrógrados ao tema em questão. Entretanto, o professor da escola A era o mais novo e demonstrou-se mais retraído quanto ao assunto ao afirmar que sente vergonha de determinados alunos, sendo o mesmo privado em comentar alguns assuntos, com receio da reação dos pais.

P.A.) Você acha que seu professor (a) estava à vontade para falar sobre o assunto? (pergunta 6 do apêndice B)

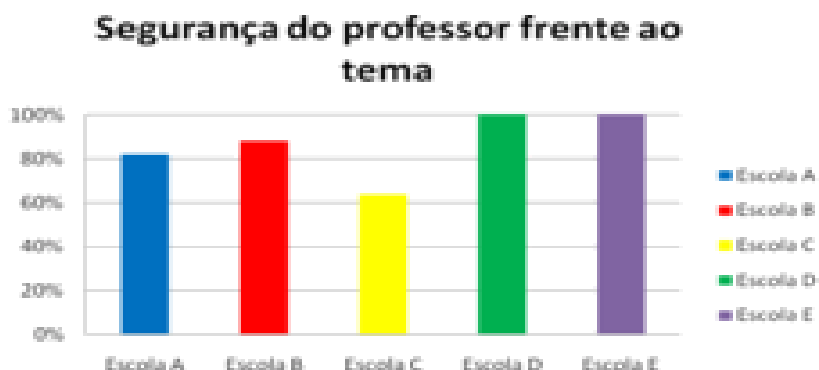


Gráfico 6: Percentagem de alunos que disseram que o professor estava à vontade para falar sobre o assunto - 2010.

P.P.) Você se sente a vontade para conversar com a turma sobre esses assuntos? (Pergunta 5 do apêndice A)

Apesar de alguns professores terem citado anteriormente alguns motivos, que os impediam de falar sobre determinados assuntos, dentro da temática Sexualidade humana, todos responderam que se sentem a vontade para tratar do tema. Contudo, só os alunos das escolas D e E responderam em sua totalidade, que os professores estavam à vontade, como é notado no gráfico 6. Santos (2001) mencionou que para o professor se sentir confiante, para tratar sobre determinados assuntos, é necessário ao docente ter um bom relacionamento com a turma, e diante deste quadro apenas os alunos da escola D e E, responderam, totalitariamente (como é demonstrado a seguir no gráfico 7), possuírem um bom relacionamento com o

educador. Desta forma o relacionamento pode ser um bom caminho para a exposição do tema.

Deve ser ressaltado que a escola D e E são instituições públicas, o que talvez, permitam a esses professores terem mais liberdade com seus alunos, ou seja, se sentirem mais à vontade de dialogar sobre o tema.

P.A.) Seu professor (a) tem um bom relacionamento com a turma? (pergunta 7 do apêndice B)

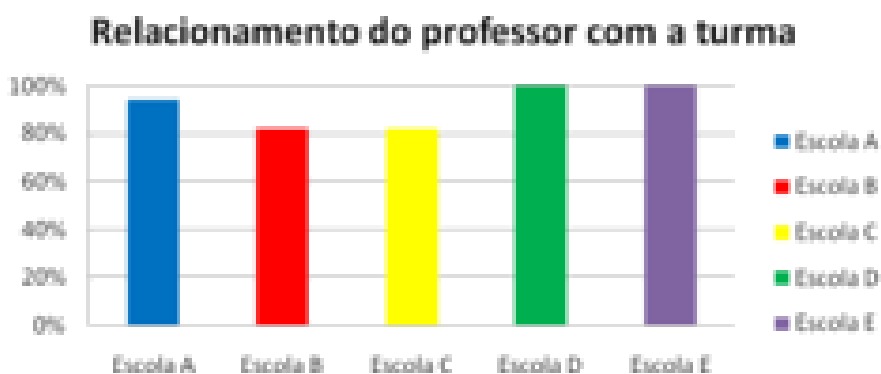


Gráfico 7: Percentagem de alunos que responderam que o professor tem um bom relacionamento com a turma -2010.

Silva e Carvalho (2005) em sua pesquisa concluíram que os vários discursos mostram, diante das atitudes dos alunos, que as professoras foram descobrindo a importância em extrapolar a relação normalmente estabelecida com alunos, para terem eficácia nas aulas, onde de início, é preciso ganhar a confiança deles, pois o conteúdo da sexualidade mexe com o “eu” de cada um. Além disso, os estudantes precisam falar e serem ouvidos para conseguir refletir sobre seus próprios problemas. Para os professores, darem atenção aos alunos, é fundamental para estabelecer um vínculo afetivo e criar amizade para realização da atividade.

Os PCN's (BRASIL, 1997, p.84) expõem que para um consistente trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam estar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e

esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade.

7.5 Sexualidade como tema transversal

P.A.) Além, do professor (a) de ciências, outros professores abordam o assunto sexualidade? Se a resposta for sim quais? (pergunta 8 do apêndice B)



Gráfico 8: Percentagem de alunos respondentes que não há outros professores que desenvolvem o tema - 2010.

P.P.) Quem desenvolve o Trabalho de orientação sexual na escola? (Pergunta 6 do apêndice A)

Os professores da escola A, B e D, disseram que apenas eles são os responsáveis por tratar à temática. O docente da escola C descreve que além dele os estagiários desenvolvem esse tema com os alunos. E por fim o professor da escola E relata:

“Não posso dizer que é o professor de ciências que faz este trabalho, na verdade percebo que há uma deficiência nesta área, pois o professor

apenas explica o conteúdo e o tempo não permite que haja um aprofundamento quanto a orientação sexual.”

Um percentual de 42% de alunos da escola B revelou que o professor de história fala sobre o assunto, 35% desse mesmo grupo informou a participação do docente de geografia quanto ao tema, 6% citaram o educador de matemática.

Um total de 100% dos estudantes da escola D (gráfico 8) disseram que nenhum professor (a não ser o de ciências) falou do tema, sugerindo que não houve nem comentários superficiais por parte de outros educadores sobre o referido assunto. Isto se destaca visto que em outras instituições os estudantes revelaram, de forma discreta, a participação de outros docentes quanto à problemática.

Sabendo que esta pergunta foi feita também para os professores dos quais afirmaram serem os únicos responsáveis por tratar do assunto, talvez os outros docentes retratem a temática somente de forma muito tangencial.

Na escola E 41% dos alunos disseram que outros professores falam sobre o tema, no entanto, um destes alunos relata: “Sim, porém somente entre as piadas dele, e às vezes fala por alto. Professor de desenho.”, ou seja, demonstrando que o assunto não é apresentado com seriedade, e daí uma possível justificativa, ao apelo dos alunos em desejarem seriedade durante as aulas.

P.P.) O assunto sexualidade é abordado em: todas as séries em que você ministra as aulas ou apenas em séries específicas? (Pergunta 7 do apêndice A)

Com exceção do professor da escola C, os docentes das escolas responderam que o tema sobre Sexualidade Humana é abordado somente em séries específicas.

No que concernem os PCNs um tema transversal deve ser uma questão tratada ao longo dos estudos.

“... inclusão dos temas implica a necessidade de um trabalho sistemático e contínuo no decorrer de toda a escolaridade, Por exemplo, se é desejável que os alunos desenvolvam uma postura de respeito às diferenças, é fundamental que isso seja tratado desde o início da escolaridade e continue sendo tratado cada vez com maiores possibilidades de reflexão, compreensão e autonomia...” (BRASIL, 1997, p.30)

Analisando estes resultados é evidente que o tema não é ministrado como deveria ser, ou seja, como um assunto transversal, visto que a abordagem fica restrita ao professor de ciências e na maioria das vezes o mesmo só ensina em séries específicas.

É importante a abrangência da temática para formação da cidadania, favorecendo o desenvolvimento próprio das opiniões entre os sujeitos. Como descreve os PCN's (1997, p. 15) "O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental."

Este trabalho não nos permite analisar o porquê desse assunto não estar sendo ministrado como tema transversal. Contudo, Almeida (2006) descreve que:

"Temas Transversais [...], ainda é limitada em decorrência dos professores priorizarem os conteúdos conceituais trazidos nos livros didáticos. Dessa forma, as escolas [...] desviam-se da sua função primordial, que é preparar o aluno para a cidadania."

A orientação trabalhada na escola como tema transversal, permite ao aluno obter informações além das relacionadas ao seu corpo e aos métodos preventivos para uma atividade sexual saudável, mas contempla uma abordagem ampla, esclarecida, questionada e socializada, promovendo a formação de atitudes, numa construção contínua para vida (SANTOS, 2011)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse estudo percebemos a necessidade em tratar Sexualidade Humana, com maior clareza e seriedade no que concernem os conteúdos envolvidos.

Como foi visto as dúvidas dos estudantes foram as mais diversas possíveis envolvendo questões relacionadas à prática sexual, método contraceptivo e DSTs, notando-se uma carência desses eixos ministrados em sala de aula.

O conteúdo mais abordado estava relacionado ao sistema biológico, porque em todas as escolas, com a exceção a escola C, o assunto foi ensinado segundo a

grande maioria dos alunos, resultado este que não foi obtido com relação às outras temáticas.

Os assuntos que não foram abordados pelos professores são aqueles geradores de questionamentos como: gênero (homossexualidade) e aborto. A confirmação da não abordagem dos assuntos é o grande número de alunos que escreveram que o professor não passou o tema, além dos estudantes terem respondido que sentiram falta desses assuntos. Dentro desta questão nos surpreendeu a necessidade e carência em se tratar sobre homossexualidade, em um período em que se evidencia a homofobia.

Mais uma vez é visualizada a importância direcionada ao sistema biológico e não aos outros conteúdos.

A metodologia mais utilizada para tratar o assunto foi o debate, seguido do uso do recurso audiovisual (o vídeo). Os recursos são de grande valia para o aprendizado, visto que os estudantes de todas as escolas mencionaram que esses meios são as melhores formas para falar sobre a temática. Além disso, as escolas que apresentaram menor quantidade de dúvidas utilizaram esses dois recursos.

Deve ser ressaltado que os alunos (de todas as escolas) solicitaram seriedade durante as aulas desta natureza. Não foram encontrados na literatura justificativa para esse pedido dos estudantes. Contudo, presumimos que durante a abordagem da temática o professor deve agir de forma bastante distanciada com relação ao tema ou mesmo os alunos de um modo geral não levam a temática a sério.

Os professores que mais tiveram sucesso em transmitir o tema foram os que possuíam um bom relacionamento com a turma, viabilizando a propagação do conhecimento.

Na literatura foi visto que os professores que cresceram em épocas onde pouco se discutia o tema sexualidade eram mais tímidos para abordar a temática. Entretanto, este fato em nossa pesquisa foi o contrário. Acreditamos que professores muito jovens não tenham maturidade suficiente sentindo-se envergonhado diante de alguns de seus alunos, que por sua vez podem ter idade próximo a deles.

A temática merece mais atenção no que consiste em ser tratada como tema transversal como determina os PCN's, visto que não ocorre desta forma nas escolas

estudadas, pois o professor de ciências é o único responsável em desenvolver o trabalho de orientação.

Como já mencionado, deveria ser feito um levantamento de dados antes de iniciar a abordagem do tema. Dessa forma seria possível direcionar a aula com intuito de atender as principais dúvidas dos estudantes. Como por exemplo, ensinar o tema demonstrando maior seriedade para que os alunos achem o assunto importante e dêem a devida atenção. Além de procurar ter um bom relacionamento com a turma, atentar para casos de homofobia que possam estar ocorrendo em sala, propor a escola um projeto que envolva todos os professores frente esse tema.

De forma significativa o estudo atingiu os seus objetivos abrindo espaços para pesquisas futuras, principalmente no que concerne a questão da seriedade solicitada pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta paul. enferm.** [online], v.22, n.1, p. 71-76. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a12v22n1.pdf>> Acessado em: out. 2010.

ALMEIDA, Tereza Joelma Barbosa. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de arembepe, município de Camaçari-Ba. **Revista Virtual**, Candombá, v. 2, n. 1, p. 1–13, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/TeresaAlmeida2006v2n1.pdf>>. Acesso em: Nov. 2011.

AMARAL, Ionara Barcellos; LIMA, Valderez Marina do Rosário. A educação pela pesquisa, o questionamento e a crítica: propostas viáveis para ensinar e aprender. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 13, n.1, p.140-157, jan./jun. 2011. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/65019_7353.PDF>. Acesso em: nov. 2011

ARRUDA, Valéria Regina Ferrari. **Formação de educadores(as) sexuais no ensino fundamental**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2292-8.pdf>> Acesso em: jul. 2011.

BARCELOS, Nora Ney Santos ; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:qL9uy5ve-JMJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: dez. 2011.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v.2, n.1(3), p.68-80, jan./jul., 2005. Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf >. Acessado em: set. 2011

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657:parâmetros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195:seb-educacao-basica&Itemid=859> Acesso em: dez. 2011

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640:parâmetros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series&catid=195:seb-educacao-basica>. Acesso em: dez. 2011

CAVALCANTI NETO, Ana Lucia Gomes; AMARAL, Edenia Maria Ribeiro do. Ensino de ciências e educação ambiental no nível fundamental: análise de algumas estratégias didáticas. **Ciência & Educação**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 129-144, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v17n1/09.pdf> >. Acesso em: nov. 2011.

CRUZ, Maiane Nascimento; DANTAS, Mário André Trindade; TRINDADE, Fabrícia Fraga. **Abordagem sobre educação sexual no ensino fundamental através de um jogo educativo**. 2011. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%202/PDF/Microsoft%20Word%20-%20ABORDAGEM%20SOBRE%20EDUCACAO%20SEXUAL%20NO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20ATRAVES%20DE%20UM%20JOGO%20EDUCATIVO.pdf>> Acesso em: dez. 2011

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci_arttext>. Acessado em: set. 2011

ESPÍNDULA, Daniel Henrique Pereira; MOURA, Aline Pinto. **Abrindo a caixa de pandora: uma análise das questões e dúvidas sobre sexualidade de adolescentes do ensino fundamental**. 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/566.%20abrindo%20a%20caixa%20de%20pandora.pdf>. Acessado em: out. 2011

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-posições**, [S.l.], v.14, n.3, p. 119-130 set./dez de 2003. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/42-dossie-felipej_etal.pdf>. Acesso em: dez. 2011

FIGUEIREDO, Adriana de Oliveira Gonçalves. et al. A influência televisiva como desencadeadora da erotização infantil na contemporaneidade (3-5 anos). **Pedagogia em ação**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, ago./nov., 2009. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/1084/1132>>. Acessado em: out. 2010

FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos. *et al* . Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.27, n.2, p.389-394, fev. 2011. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:f77OT4BBMuYJ:www.scielo.br/pdf/cs/p/v27n2/20.pdf+amostragem+em+pesquisas+qualitativas+proposta+de+procedimentos+para+constatar+satura%C3%A7%C3%A3o+te%C3%B3rica&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESj-sLUd20avx-wm-3GgWv8ynM3N3yFuiH1McwBCwE_8TM-B5j6zZEmdFzJmkXWb4MXTvE5c1-UvFxFczUZ0dk-56lzeUnTcfJtwg3iYuo7ILUB7n-a-affZIZ1NyLEj8jqq5rP&sig=AHIEtbSeHp3V0QmaXJTvsfv7z38cp8hozg>. Acessado em: set. 2011.

GRIZZE, Danielle Batista; SANTOS, Fernanda Ferreira dos; OLIVEIRA, Pedro. **Sexualidade em discursos de alunos do ensino fundamental do Recife**. 2010.

Disponível em:

<http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2010.1/sexualidade%20em%20discursos%20de%20alunos%20do%20ensino%20fundamental%20do.pdf>.

Acesso em: out. 2011.

HOLANDA, Marília Lima de. et al. Compreensão dos pais sobre exposição dos filhos aos riscos das DST/Aids. **Rev. Rene**, v 7, n.1, p. 27-34, abr./jun. 2006.

HOLANDA, Marília Lima de. et al. **O papel do professor na educação sexual de adolescentes**. 2010. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/20371/13540>> Acesso em: jan. 2011

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. O desenvolvimento da sexualidade na infância. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Org.). **Sexualidade e Infância**. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005. 204 p. (Cadernos Cecemca, n.1).

MAIA, Ari Fernando; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Mídia e a sexualidade infantil. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Org.). **Sexualidade e Infância**. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005. 204 p. (Cadernos Cecemca, n.1).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Importância da Avaliação Qualitativa combinada com outras modalidades de Avaliação. **Sau. & Transf. Soc.**, Florianópolis, v.1, n.3, p.02-11, 2011. Disponível em:

<<http://www.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/652>>.

Acessado em: set. 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DST no Brasil**. Disponível em:

<<http://www.aids.gov.br/pagina/dst-no-brasil>>. Acessado em: out. 2011.

MIRANDA, Débora Suelle Marcelino de. et al. **A educação sexual no contexto escolar: uma análise na escola municipal são clemente em campina grande-pb**. 2009. Disponível em:

<http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011_futuro/anais/arquivos/0072_0914_02.pdf>. Acessado em: nov. 2011

MOKWA, Valéria Marta Nonato Fernandes. Representações sociais de educadores do ensino fundamental sobre sexualidade. **Gênero, Sexualidade e Educação**, n.6, p.1-6 2004. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT23-2362--Int.pdf>>

Acesso em: out. 2010.

MORAES, Candice Heimann; ZARZAR, Cristiana Acevedo; BARBOSA, Luciana Dilane dos. Adolescência e fontes de informação sobre a sexualidade: o papel da escola, da família e do mundo virtual no processo de orientação sexual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL, 61., 2009. Fortaleza. **Anais ...** Fortaleza: CBEEn, 2009. Disponível em:

<http://www.abeneventos.com.br/anais_61cben/files/00474.pdf> Acesso em: dez. 2011.

NEVES, Fátima Regina de Almeida Lima. *et al*. Sexualidade humana: uma abordagem pedagógica. **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 8, n. 1, jan./jun. 1997. Disponível em: <http://www.adolesc.br/bvs/adolesc/P/pdf/volumes/volume8_1.pdf#page=75>. Acesso em: dez. 2011.

RAZERA, Julio Cesar Castilho. O ensino de ciências sob uma perspectiva da formação moral 2007. **Ciência & Ensino**, v. 1, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <<http://143.106.76.15/ojs/index.php/cienciaeensino/article/viewArticle/96>>. Acesso em: out. 2011.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Org.). **Sexualidade e Infância**. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005. 204 p. (Cadernos Cecemca, n.1).

RIBEIRO COSTA, Paula Regina; SOUZA, Diogo Onofre. Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. **Enseñanza de las ciencias**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 67-75, 2003. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/ensenanza/article/viewFile/21863/21697>> Acesso em: out. 2010.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Org.). **Sexualidade e Infância**. Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005. 204 p. (Cadernos Cecemca, n.1).

SANTOS, Giselle Ribeiro dos. **Orientação sexual para adolescentes no âmbito escolar**. 2011. 32 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/UEG, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/1863>>. Acesso em: Nov. 2011.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º E 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** 2001. 60 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Departamento de Estudos Sociais e Educacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

SILVA, Kelly Cristina. **As aplicações da sexualidade infantil e a orientação sexual nas instituições escolares**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/14248/1/AS-IMPLICACOES-DA-SEXUALIDADE-INFANTIL-E-A-ORIENTACAO-SEXUAL-NAS-INSTITUICOES-ESCOLARES/pagina1.html>> Acesso em: out. 2010.

SILVA, Mirian Pacheco; CARVALHO, Washington Luiz Pacheco de. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na

vivência das professoras. **Ciência & Educação**, [S.l.] v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n1/07.pdf>>. Acesso em: out. 2011.

SILVA, Rosilma Ventura da; MERCADO, Elisangela Leal de Oliveira. O vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano. **Revista EDaPECI**, [S.l.], v. 6, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <http://www.edapeci-ufs.net/revista/ojs-2.2.3/index.php/edapeci/article/view/70/pdf_44>. Acesso em: nov. 2011.

VITIELLO, Néelson. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15 -28,1995. Disponível em: <http://www.adolesc.br/bvs/adolesc/P/pdf/volumes/volume6_1.pdf>. Acesso em: dez. 2011

VITIELLO, Néelson. Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. **Revista Brasileira de Medicina**, Ed. Especial, [S.l.], v.55, nov. 1998. Disponível em: <http://www.drCarlos.med.br/sex_historia.html> Acesso em: out. 2010.

ZILLI, Bruno Dallacort; SIVORI, Horacio. Sexualidade e regulação de conteúdos na Internet: uma etnografia de prazeres e perigos. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27.,2010. Pará. **Anais...** Pará: UFPA, 2010. Disponível em: <http://www.iconecv.com.br/27rba/arquivos/grupos_trabalho/gt25/bdz.pdf>. Acesso em: dez.2011

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia
Projeto Pedagógico I

Orientadora: Rosalina Maria de Magalhães Pereira

Orientanda: Danielle Ferreira Lima

Tema: Como os temas relacionados à Sexualidade humana são abordados no Ensino de Ciências: visão do professor e aluno

Instituição:.....

Perguntas a serem respondidas pelos professores:

Idade..... Sexo Feminino () Masculino ()

1.Quais são as perguntas mais freqüentes dos alunos quando o tema é sexualidade?

.....
.....

2.Quando o tema é sexualidade quais são os conteúdos abordados? Marque X.

Sistema reprodutor masculino parte externa	()
Sistema reprodutor masculino parte interna	()
Sistema reprodutor feminino parte externa	()
Sistema reprodutor feminino parte interna	()
Relações de gênero (Homossexualidade)	()
Métodos contraceptivos/preventivos	()
Abortos	()
DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis)	()
Prostituição	()
Outros:.....	()

3.Quais recursos são utilizados para abordar o assunto? Marque X.

Debates	()
Reportagens	()
Vídeo	()
Palestra	()
Panfletos	()
Livros paradidáticos/complementares	()
Gibis	()
Modelos didáticos/materiais representativos	()
	()
	()

Apresentações

Outros:.....

4.O que impede o senhor (a) de falar em sala aula sobre determinados assuntos?

- | | |
|---|-----|
| Incompreensão dos pais | () |
| Falta de conhecimento | () |
| O assunto é delicado e não me sinto preparado | () |
| A grande diferença de faixa etária | () |
| Falta de material didático | () |
| Religião | () |
| Outros: | () |

5.Você se sente à vontade para conversar com a turma sobre esses assuntos?

- | | |
|-----|-----|
| Sim | () |
| Não | () |

6. Quem desenvolve o trabalho de Orientação Sexual na escola?

- | | |
|--------------------------------|-----|
| Apenas o professor de ciências | () |
| Outras pessoas, quem? | () |

7.O assunto sexualidade é abordado em:

- | | |
|---|-----|
| Todas as séries em que você ministra as aulas | () |
| Apenas em séries específicas? | () |

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO ALUNO



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia
Projeto Pedagógico I

Orientadora: Rosalina Maria de Magalhães Pereira

Orientanda: Danielle Ferreira Lima

Tema: Como os temas relacionados à Sexualidade humana são abordados no Ensino de Ciências: visão do professor e aluno

Instituição:.....

Perguntas a serem respondidas pelos alunos

Idade..... Sexo Feminino () Masculino () Série

1.Quais são as suas dúvidas sobre tema sexualidade?

.....
.....
.....
.....

2.Quando o tema é sexualidade, quais são os conteúdos que você lembra ter sido abordado em sala de aula? Marque X.

Sistema reprodutor masculino parte externa	()
Sistema reprodutor masculino parte interna	()
Sistema reprodutor feminino parte externa	()
Sistema reprodutor feminino parte interna	()
Relações de Gênero (Homossexualidade)	()
Métodos contraceptivos/ preventivo	()
Abortos	()
DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis)	()
Prostituição	()
Outros:.....	()

3.Dentre os temas abordados em sala de aula, você acha que faltou mais algum para ser explicado? Se a resposta for SIM diga quais.

.....
.....
.....
.....

4. Quais foram os recursos utilizados pelo seu professor para abordar o assunto?
Marque X.

Debates	()
Reportagens	()
Vídeo	()
Palestra	()
Panfletos	()
Livros paradidáticos/livros complementar	()
Gibis	()
Modelos didáticos/ materiais representativos	()
Apresentações em feita em grupo	()
Outros:.....	()

5. Com as suas palavras diga qual é a melhor forma para o professor tratar do assunto?

.....

.....

.....

6. Você acha que o seu professor (a) estava à vontade para falar sobre o assunto?

.....

7. Seu professor é uma pessoa que tem um bom relacionamento com a turma?

Sim	()
Não	()

8. Além, do professor de ciências, outros professores aborda o assunto sexualidade? Se a resposta for sim quais?

.....

.....